MULTIPLICAÇÃO DE GRUPOS DE REFLEXÃO DO "CONFLITO AUTONOMIA-ADOLESCÊNCIA E A QUESTÃO DAS DROGAS".[1]

Patrizia Vizzuso[2]

Sidnei José Casetto[3]

Laura Câmara Lima[4]

CATEGORIA: PROPOSTA DE ENSINO (CÓDIGO 3)

TIPO: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (CÓDIGO 18)

INTRODUÇÃO

As discussões hoje, em torno da questão da prevenção de drogas, estão mais frequentes, envolvendo tanto as políticas públicas como a comunidade científica (BÜCHELE *et al.*, 2009). Vemos essas discussões acontecendo em notícias recentes como a de fevereiro de 2014 na qual o Conselho Municipal de Políticas Públicas de Drogas e Álcool de São Paulo (COMUDA), em nova gestão, propôs, dentre suas muitas ações, a de prevenção ao uso, abuso e dependência química, envolvendo setores da saúde e suas ações (CRP SP, 2014).

Porém, ainda predominam posturas repressoras na ação do Estado, como mostra a notícia veiculada pelo Sinpsi (2014) quando a Polícia Civil do Departamento Estadual de Prevenção e Repressão ao Narcotráfico (DENARC), da Secretaria de Segurança Pública do governador Geraldo Alkmin, sem comunicar à Prefeitura de São Paulo, atirou com balas de

---

[1] Produto Técnico apresentado ao Programa de Mestrado Profissional Ensino em Ciências da Saúde, da Universidade Federal de São Paulo, juntamente com a dissertação de mestrado "O conflito autonomia-dependência na adolescência e a questão das drogas: intervenção em um grupo de adolescentes do CRAS" para obtenção do título de Mestre em Ensino em Ciências da Saúde. Santos, 2014.

[2] Graduada em Psicologia (atual UNISA), Pós-graduada em Plantão Psicológico (USP), Mestranda em Ensino em Ciências da Saúde (UNIFESP-BS).

[3] Doutor em Psicologia (PUC-SP). Orientador da Dissertação do Programa de Mestrado Profissional Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo.

[4] Doutora em Psicologia Social (EHESS-FR). Coorientadora da Dissertação do Programa de Mestrado Profissional Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo.

borracha e bateu nos dependentes químicos na Rua Barão de Piracicaba (local conhecido como cracolândia), interferindo no programa Braços Abertos, que visa cuidado e recuperação desses dependentes.

O discurso social é também muito pautado, ainda hoje, na repressão. Após a análise de três revistas destinadas a adolescentes, constatou-se (RIBEIRO *et al.*, 1998) o destaque da visão repressora, moralista e autoritária frente as drogas, omitindo o fator "prazer" como parte integrante das mesmas, com o intuito de não estimular o público a usá-las, mostrando o jovem sob uma perspectiva indefesa e carente de informações.

Uma vez que submetemos o adolescente a práticas repressivas de prevenção e de orientação de seus desejos, estamos supondo que ele deva se submeter a essas formas de pensamento. Nessa abordagem o adolescente não está no lugar de sujeito, de protagonista da sua vida, e sim num lugar dependente e infantilizado. Se depender é ser orientado ou dirigido por outro, alguém que guia e satisfaz desejos e anseios, essa é a forma de relação que se aprende e pode ser reproduzida na relação do adolescente com outros objetos, ou como estilo de vida e mesmo com as drogas.

Além disso, a busca de identidade na adolescência pode levar às transgressões no intuito de saber mais sobre si, e o proibido passa a ser atraente. Segundo Salles (1998, p.140) "Para adolescentes o uso de drogas está associado à vontade de experimentar, para mostrar aos colegas, porque é proibido, para curtir a noite..." entre outros, de modo que posturas repressoras podem, no lugar de ser eficientes, estimular o consumo.

Promover a saúde implica em ações do Estado, de forma ampliada e para além dos setores de saúde. Daí a pertinência de realizar um trabalho desta natureza em um órgão público da Assistência Social do Guarujá: o Centro de Referência a Assistência Social (CRAS), uma unidade pública, fruto da parceria entre Prefeitura e Governo Federal, que é uma das portas de entrada para a população que reside no município, e que necessita das Ações de Assistência Social. O CRAS oferece vários serviços, dentre eles: atendimento social e psicológico, visitas domiciliares, encaminhamento para atendimentos especializados na rede, acompanhamento das famílias nos programas de transferência de renda e fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.

Neste equipamento público também funciona o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Pró-jovem), criado em 2005 e implantado em 2007 pelo Governo Federal e compreende a faixa etária entre 15 e 29 anos. O Pró-jovem Adolescente contempla a faixa de 15 a 17 anos, de jovens provenientes de famílias que recebem subsídio do Governo Federal (Bolsa Família) ou jovens que participam de outros programas, como os do serviço de

proteção social especial (Programa de Combate a Violência e à Exploração Sexual e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI). Participam, ainda, jovens que cumprem medida de proteção ou socioeducativas, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Devido à grande demanda de atendimento do CRAS de Vicente de Carvalho (Guarujá) e do número de vagas limitadas do programa Pró-Jovem, que foi renomeado este ano em termos de Ação Jovem (este agregou o Pró-Jovem que agora está no Programa de Fortalecimento de vínculos), os profissionais do equipamento se deparam com muitas situações que poderiam se beneficiar de uma intervenção relacionada ao tema da autonomia e sua relação com as drogas.

Assim, uma proposta de multiplicar as ações de grupos de adolescentes seria indicada, e para isso seria mais produtivo e eficaz se os profissionais, antes de realizarem o projeto, passassem ativamente por ele, vivenciando o processo de tomada de consciência da sua própria postura quanto ao tema, podendo também discutir os desafios relacionados ao propósito de favorecer a autonomia dos jovens. Após esta experiência, poderiam multiplicar as ações do projeto entre os jovens, atingindo maior número. A psicóloga responsável faria reuniões de reflexão para supervisionar o processo de multiplicação e ajudar no desenvolvimento da execução do projeto.

Para Winnicott (1975), vamos tornando-nos autônomos na medida em que recebemos suporte para isso. O bebê seguro nos braços da mãe (*holding*), cuidado por ela, pode crescer e desenvolver suas habilidades. Essa base, ou suporte, também é proporcionado, num segundo momento, pelo meio social, na medida em que o indivíduo vai necessitando. Assim, durante a sua vida, é na dependência deste suporte que ele pode ir amadurecendo e tornando-se mais autônomo, ou seja, iniciamos a vida como indivíduos dependentes e a autonomia é algo que se conquista durante o processo de desenvolvimento.

A família, a escola e outras instituições podem auxiliar ou dificultar este processo do amadurecimento, e consequentemente o processo rumo à autonomia, o que indica a pertinência de que os profissionais também repensem suas posturas antes de ajudar o adolescente nesta busca.

OBJETIVO

Proporcionar um espaço de reflexão sobre o conflito dependência-autonomia nos profissionais, particularmente em relação ao tema drogas, para que estes estejam

instrumentalizados para realizar processo equivalente com os grupos de adolescentes com que trabalham.

POPULAÇÃO-ALVO

Pretende-se alcançar os quatro CRAS existentes na cidade, abarcando todos os profissionais dos dois períodos, manhã e tarde, que de alguma maneira atendem os adolescentes sendo que no CRAS de Vicente de Carvalho são dois psicólogos, seis assistentes sociais e um educador, em Morrinhos são dois psicólogos, sete assistentes sociais e um educador, em Santa Rosa são dois psicólogos, cinco assistentes sociais e dois educadores e em Enseada são dois psicólogos e seis assistentes sociais, somando ao todo trinta e sete profissionais para o grupo.

METODOLOGIA

Serão realizados dez encontros, uma vez por semana, durante dois meses e meio e com, aproximadamente, uma hora e meia de duração, com o grupo de profissionais dos quatro CRAS que trabalham com adolescentes, em dois grupos de dezoito profissionais cada um, dentro do seu horário de trabalho, sendo um grupo pela manhã e um à tarde, para utililizar apenas um dia da semana em que todos possam estar e para não inviabilizar a rotina de trabalho. A presença de profissionais de diferentes formações no grupo permite aparecer também a ótica de cada especialidade, favorecendo a integração das ações. Serão realizadas atividades que favoreçam a discussão e reflexão dos membros, semelhantes às que os adolescentes passaram na pesquisa que outros posteriormente passarão. O coordenador intervirá no grupo orientando-se pelos objetivos da proposta e por um roteiro das atividades descritas no APÊNDICE I deste trabalho. Podem acontecer mudanças em relação ao roteiro inicial no decorrer do processo, pois incentiva-se que o grupo também sugira atividades. O local de desenvolvimento das atividades será nos CRAS. Um rodízio entre as unidades seria indicado.

AVALIAÇÃO

Os participantes irão conhecer os critérios de avaliação para os adolescentes que utilizarão durante o processo com seus grupos; porém, por estarem na condição de profissionais, serão solicitados a avaliar o seu processo e as mudanças que ocorreram em seu modo de pensar durante o mesmo, discutindo com o próprio grupo e comparando suas próprias respostas para uma pergunta a ser respondida no primeiro e no penúltimo encontro dos encontros: "Adolescentes e drogas: qual a sua posição a respeito como profissional do CRAS?"

REFERÊNCIAS

BÜCHELE, F., COELHO, E. B. S., LINDNER, S. R. A promoção da saúde enquanto estratégia de prevenção ao uso das drogas. **Ciência & Saúde Coletiva**, 14(1):267-273, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000100033&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03 nov. 2013.

CRP SP. Conselho Regional de Psicologia - SP. CRP SP integra nova gestão do Conselho Municipal de Políticas Públicas de Drogas e Álcool de São Paulo. Publicado em 11 fev. 2014. Disponível em < http://www.crpsp.org.br/portal/midia/fiquedeolho_ver.aspx?id=724>. Acesso em 20 fev. 2014.

RIBEIRO, T.W., PERGHER, N.K. e TOROSSIAN, S.D. Drogas e adolescência: uma análise da ideologia presente na mídia escrita destinada ao grande público. **Psicol. Reflex. Crit**., Porto Alegre, v. 11, n. 3, 1998. p. 421-430. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 jan. 2013. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000300003.

SALLES, L. M. F. **Adolescência, escola e cotidiano**: contradições entre o genérico e o particular. Piracicaba: Unimep, 1998.

WINNICOTT, D.W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro, Imago,1975.